



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
DEPARTAMENTO CULTURAL

# GRUPO EXPERIMENTAL DE CINEMA

Acervo Digital

Walter  
da Silveira

ESPETÁCULOS

DE

FILMES DE ARTE

23 de Março de 1968, 20,30 horas

SALÃO NOBRE DA REITORIA



Se o cinema canadense começa a ter dimensão internacional, é a deve originalmente a um escossês de obra tão personalíssima, que se diria sem continuadores: Norman MacLaren.

Nascido em 11 de abril de 1914, sua carreira de cineasta começou em 1932, após estudos de desenho e pintura. Mas só veio a alcançar pleno florescimento quando ingressou em 1941 no **National Film Board of Canada**: aí teve liberdade e meios para criar uma das obras mais singulares da história do cinema.

Mestre da curta-metragem, o território de Norman MacLaren é o filme de animação. Ora desenha diretamente sobre a película, sem utilização de câmara. Ora se vale de objetos reais ou de atores, transformando-os em seres inanimados que necessitam da câmara para animar-se. Por vezes, são silhuetas. Em outras, trucagens. Sempre uma pesquisa que faz do cinema não uma arte fundada sobre a realidade, porém sobre o imaginário; não uma representação mais ou menos transfigurada do real, porém uma criação de pura fantasia.

Utilizando agulhas e giletes para gravar minúsculas figuras geométricas sobre a película, MacLaren recusa todos os meios tradicionais na realização de seu grafismos. Seu processo criativo também lhe exige uma revolução no campo do som: como nos informa Jean Queval, aqui a pista sonora é uma estreita faixa de traços pretos e brancos inscritos à esquerda da imagem quando da revelação; na projeção, o desenho é reconvertido em corrente elétrica e ela transmutada em música pelo altofalante. Porque MacLaren só raramente usa música habitual. Ela se elabora também sobre a película.

Artista abstrato, não-figurativo? Aparentemente, sim. O espectador de cinema, acostumado ao realista e ao onírico (o onírico é uma outra forma do real), empenha-se por descobrir nas pequenas obras de MacLaren todo um sentido concreto de re-inter-

pretação da vida. Henri Agel recorda que em torno de "**Blinkity blank**", por exemplo, se travou toda uma polêmica para lhe definir o significado, a depender do testemunho vocacional de cada espectador. Amores de um pássaro fantástico, profecia pessimista sobre a bomba atômica, antagonismo darwiniano para um biólogo, conflito existencial para um psicanalista.

Desde "**Opening speech**" se tem a revelação do estilo de MacLaren. Aliás, de uma das faces do seu estilo. O homem escarnecido pela máquina, um orador que não consegue dominar o microfone, este um rebelde que se move sozinho para todas as partes. A trucagem como fonte de humor.

Na mesma linha situa-se "**A chairy tale**". Pantomina em que uma cadeira também se nega ao dono, representado por Claude Jutra, antigo discípulo de MacLaren, hoje uma figura importante de realizador, saído de sua equipe, num testemunho de que a originalidade criativa do mestre da animação, em vez de impossibilitar a formação de cineastas independentes, os fez aparecer, transformando o **National Film Board** num notável centro de trabalho, único no mundo em seu tipo.

Com exceção de "**Pen point percussion**", os demais filmes são desenhos estabelecidos diretamente sobre a película, como aquele se encarregará ao fim de mostrar. Porque está aqui uma outra prova da singularidade de MacLaren: ele não esconde o que faz, como faz. Pode-se aprender os seus métodos de trabalho, ele os transmite a todos, com humildade — mas igualmente com extraordinário talento.

Vanguardista do cinema, por sua expressão totalmente livre de compromissos estéticos. Norman

## FESTIVAL NORMAN MACLAREN (I)

- 1) "Opening speech" (1961)
- 2) "Hen hop" (1944)
- 3) "Marching the colours" (1952)
- 4) "Blinkity blank" (1955)
- 5) "A chairy tale" (1957)
- 6) "Black bird" (1958)
- 7) "Lines-horizontal" (1961)
- 8) "Lines-vertical" (1962)
- 9) "Canon" (1964)
- 10 "Pen point percussion" (1951)

Prêmios: British Film Academy, para "A chairy tale". Festivais internacionais de Veneza e Edimburgo, para "Lines — vertical" e "Lines — horizontal"



Maclaren realiza uma revolução dentro da qual tornou-se impossível prever para onde se dirige, qual a nova forma que assumirá. De certo que sua obra de inventor de movimentos não pode se produzir senão à margem da indústria cinematográfica, do cinema tomado como fato industrial. Seria, contudo, desejável que em toda parte aparecessem organismos como o **National Film Board of Canada**, capazes de permitir que artistas livres empregassem seu tempo de criação, em atividades tão soltas quanto as desse escossês, cujas animações comunicam uma forte alegria de viver em seus poemas gráficos.

Acervo Digital

Walter da Silveira

# Walter da Silveira

O Festival Norman Maclaren n.º II, será visto em abril.

II PROGRAMA

DO CINEMA UNIVERSITARIO